



# CULTURAS EM MOVIMENTO

LIVRO DE ATAS DO I CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE CULTURA

Urbano Sidoncha e Catarina Moura (Org.)



**LABCOM.IFP**

Comunicação, Filosofia e Humanidades  
Unidade de Investigação  
Universidade da Beira Interior

## Ficha Técnica

### Título

Culturas em Movimento  
Livro de Atas do I Congresso Internacional sobre Cultura

### Organização

Urbano Sidoncha e Catarina Moura

### Editora LabCom.IFP

[www.labcom-ifp.ubi.pt](http://www.labcom-ifp.ubi.pt)

### Colecção

ARS

### Direcção

Francisco Paiva

### Design Gráfico

Cristina Lopes

### ISBN

978-989-654-324-2 (papel)

978-989-654-326-6 (pdf)

978-989-654-325-9 (epub)

### Depósito Legal

416118/16

### Tiragem

Print-on-demand

Universidade da Beira Interior  
Rua Marquês D'Ávila e Bolama.  
6201-001 Covilhã. Portugal  
[www.ubi.pt](http://www.ubi.pt)

**Covilhã, 2016**

© 2016, Urbano Sidoncha e Catarina Moura.

© 2016, Universidade da Beira Interior.

*O conteúdo desta obra está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização do editor e dos seus autores. Os artigos, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade dos autores.*



A representação da identidade indígena no cinema Anderson de Souza Alves e Thuanny Vieira Silva	155
Umbanda e estudos culturais: possíveis diálogos Bárbara Malcut Felipe	163
Juventude e violência: eu, "suspeito"? Bruna Pegna Hercog	173
Miguel Real e o seu retrato de Portugal: de onde vimos, o que somos e para onde vamos Carla Sofia Gomes Xavier Luís	187
Corpo, um discurso: ensaio sobre o corpo negro como produtor de sentido no espaço Franz Galvão Piragibe	209
A Mitologia como substrato cultural Idalina Maia Sidoncha	219
<b>À sombra de Nietzsche</b> <b>José Rosa</b>	<b>241</b>
"De papel crepom e prata" Uma reflexão sobre a cultura e identidade brasileiras na pós-modernidade a partir da Estética da Caatinga Marcos Cajaíba Mendonça	255
Polifonia e identidade em performances culturais de comunidades afro-brasileiras Michele Freire Schiffler	265
Memória, identidades e luta pelos direitos autóctones no Brasil e no Canadá no século XXI : um olhar multidisciplinar sobre a educação Nathalie Santos	279
The development of Digital Museum in China: opportunities or challenges Qiong Dang	291
Towards a critical framework of culture and identity in intercultural professional communication Sarah Gillaerts	309

## À SOMBRA DE NIETZSCHE

### Breve nota sobre «Culturas em Movimento»

José Rosa

Universidade da Beira Interior

#### Nótula

À primeira vista, parece difícil conjugar em simultâneo as noções de *Cultura* e de *Movimento*. Com efeito, o sentido clássico de *Cultura*, na demanda de um critério determinante daquilo *que merece e deve ser cultivado* (desde os *agri* da agricultura até às letras do espírito, passando por tudo o que, no entremeio, que implicava a *puericultura*), acaba por introduzir um critério absoluto, não-cultural, seja ele natural seja divino (dimensões que amiúde se equivalem como no estoicismo) a fim de fundar o juízo de valor subjacente à definição de tudo o que se considera ser *Cultura*. À luz dessa instância ontológica e permanente, o movimento, a mudança (*metábole*) e o efémero expõem-se precisamente como o que não pode, não deve, *nem merece* ser cultivado.

Podemos dizer, de um modo bastante esquemático, que foi este o princípio de relação litigiosa ou mesmo exclusiva entre ambas as noções em muitos momentos do pensamento ocidental, pelo menos até às *Considerações Intempestivas* de Nietzsche (redigidas entre 1873 e 1876). Contudo, deve dizer-se que, ainda depois da crítica radical deste ‘mestre da suspeita’, o debate continuou metamorfoseado em muitas outras disjunções, tais como *alta cultura* e *baixa cultura*, *apocalípticos ou integrados*, *culturas* ou *Cultura*, *cultura* e *contra-culturas*, etc..

Seja como for, no meio de debates e de conflitos de interpretações que não é possível nem desejável dirimir, se queremos colocar hoje seriamente em relação *Culturas* e *Movimento* cremos que se impõe revistar os cumes de Sils Maria e acolher de novo por inteiro a pergunta radical de Nietzsche: a partir de onde é que se estabelece o *valor* e a *preciosidade* de qualquer coisa? A uma *Economia da Cultura* digna desse nome, que não quer escamotear a ambivalência que a funda, impõe-se a interrogação: Qual é o ponto de vista que instaura o valor do próprio valor? A genealogia da cultura operada por Nietzsche revela-nos que a tentativa de fuga ao movimento e ao tempo, i.e., ao tudo flui (*panta rei*) de Heraclito ou à ordem (*taxis*) de Anaximandro, onde cada coisa tem de pagar a *Kronos* a injustiça da sua existência, dependeu sempre de uma vontade doente, insegura e medrosa que sob diversos nomes instaurou o *nada* como princípio de valoração de *tudo*. A crer em Nietzsche, o *Nada* (sob o enganoso nome de *Ser*) petrificou a cultura no Ocidente. Voltar-se portanto para trás é simplesmente morrer. A História mata. Tal a crítica de Nietzsche ao niilismo ocidental que não consentiu com o movimento, com o sagrado e dionísíaco jogo da Vida. No polo oposto, a sua fina inquirição denuncia tal vontade anémica, ressentida e inimiga da Vida e do seu frémite, e anuncia a transmutação de todos os valores mediante o retorno a uma *vontade-de-poder* que, como criança que brinca às pedrinhas, sem razão e sem porquê, consinta com esse eterno jogo da vida e simplesmente se deixe ir na corrente, na pura inocência do *dever*.

Nietzsche morreu há pouco mais de 100 anos. De si mesmo disse, e repetiu várias vezes, que alguns homens nascem só depois de morrer. Para uma reflexão sobre as *Culturas em Movimento* talvez Nietzsche ainda não nos tenha nascido. Mas revisitarmos as suas *Considerações Intempestivas* talvez o force a vir à nossa luz.

### **1. Sobre as noções de «Cultura» e de «Movimento».**

O fio condutor da breve reflexão que propomos é dado pelo título da comunicação: *À sombra de Nietzsche. Uma reflexão sobre as 'Culturas em Movimento'*. Com efeito, consideramos que é difícil falar hoje de *Cultura*,

ou de *Culturas* no plural (o que implica desde logo a noção de *movimento*), sem ter em conta aquele génio excessivo que F. Copleston, na esteira de Alois Riehl, apelidou de o Filósofo da Cultura por antonomásia: Friedrich Nietzsche<sup>1</sup>. No *Anticristo* e no *Ecce Homo* afirmava ele si mesmo que «há alguns homens que nascem póstumos; só o depois de amanhã me pertence.»<sup>2</sup> Ou seja, apenas uns séculos depois da sua morte (ocorrida a 25 de Agosto de 1900) se poderia começar a compreender e a tirar consequências do tremor de terra com que ela abalara os fundamentos dessa ‘seriíssima’ actividade humana chamada Cultura. Acontecimentos *há*, como a morte das estrelas longínquas, diz no opúsculo *Verdade e Mentira em Sentido Extramoral*, cujos efeitos demoram muito tempo a chegar até nós e a fazerem-se sentir. A luz dessas estrelas continua durante séculos a chegar até nós, mesmo depois de mortas, fazendo-as parecer vivas e luminosas. Do mesmo modo, a genealogia crítica da cultura e da moral feita por Nietzsche demoraria muito tempo antes de ser reconhecida como tal, porque a notícia da *morte de Deus*, proclamada n’A *Gaia Ciência* e no *Assim Falava Zarathustra*, e sobretudo as suas consequências não-de demorar muito tempo a penetrar nas consciências. Acrescente-se, além disso, que o autor de *A Genealogia da Moral não é apenas o pensador* que denunciou o niilismo radical de toda a cultura ocidental. *A psicologia das profundezas* que ele praticou foi muito mais longe, desvelando onde quer que seja as motivações ocultas, sorrateiras, o mecanismo escuso subjacente por detrás de todo o ato fundador daquilo que *vale*, que *tem de valer*, que *deve valer*. É, portanto, uma genealogia do *valor do valor* que ele realiza.

Debrucemo-nos assim sobre as noções de *cultura* e de *movimento*. O que nos aparece desde logo, como se disse, é que não dançam bem juntas. O sentido clássico da palavra latina *cultura* (particípio futuro ativo do verbo *colo*, *coluis*, *colere*, *colui*, *cultum*), identifica o conjunto daquelas coisas *que são dignas de culto*, que merecem ser cultivadas, remetendo assim para uma medida ou critério anterior, estável e permanente, que as mede e faz valer.

1. Frederick Copleston sj, *Nietzsche: Filósofo da Cultura*, Porto, Livraria Tavares e Martins, 1953.

2. Friedrich Nietzsche, *Anticristo e Ecce Homo*, In: *Obras Escolhidas de Nietzsche*, (edição e tradução de António Marques), Vol. 7, Lisboa, Círculo de Leitores, 1997, pp. 7.160.

Esse, portanto, é a fonte última do juízo axiológico que instaura o valor das coisas que se consideram valiosas. Numa palavra, no fundo da noção de *cultura* jaz o desejo de um fundamento sólido, de um princípio firme ou de um ‘chão’ onde depois se pode cultivar, habitar, ou construir o *redil doméstico* para o mundo humano. É como se houvesse nessa vontade de que haja valor verdadeiro uma espécie de memória do *horror* arcaico que vem da noite dos tempos; um medo atávico do pântano, das areias movediças, do húmus, do barro ou do pó de onde pretensamente saímos e aonde um dia haveremos de voltar.

Com efeito, pelo menos desde a descoberta da agricultura — que remonta à passagem do regime transumante e recolector do Paleolítico para o regime sedentário e agrário do Neolítico, mais ou menos entre dez e oito mil anos atrás — até ao culto dos deuses (terrestres e celestes), trânsito que determina a *religio* como *cura deorum* (Cícero), passando ainda pelo *cultivo* do corpo, da alma e do espírito (no ciclo da *enkyklios paideia* greco-latina), o que encontramos no arco temporal desses estratos assim ditos culturais, é precisamente a ideia de cultura como conjunto de crenças, práticas e disciplinas que visam escapar ao movimento, ao aleatório, o exorcizar o caos e o pavor da noite, procurando a estabilidade diurna de um deus confiável (Aton, Adonai, Jaweh, Zeus, etc.), a unidade de um princípio natural escondido por detrás da mudança, ou ainda, enfim, uma identidade psíquica (*psykhê*, *anima*, alma, eu, ...), capaz de nos manter unos e identificáveis no ciclo das reencarnações, dando assim um *nome próprio* a esta miríade multiforme de sonhos, imagens, moções, movimentos, desejos que constituem a nossa vida interior e exterior.

Não erraremos, talvez, se alargamos ainda mais o nosso cenário e dissermos que o processo pelo qual, desde há centenas de milhares de anos, nos fomos lentamente *levantando* da animalidade para a humanidade passou pela invenção de ‘cajados’, *pontos fixos*, *centros do mundo* (*omphaloi tou kosmou*) e *eixos* (*axes mundi*) como primeiros organizadores primordiais do espaço e do tempo da nossa experiência. Não é apenas a morfologia dos santuários paleolíticos ou neolíticos que nos permitem chegar a tal conclu-

são com alguma razoabilidade. Mais recentemente, pelo menos de há cinco mil anos a esta parte, também os mais antigos mitos da humanidade que chegaram até nós nos narram o mesmo desejo de ordem e de domesticação da instabilidade do caos e do horror da morte.

Podemos ficcionar quiçá tal aventura deste modo: ao sair da selva para a savana, o *homo erectus* olha para os seus pés e encontra a segurança de um outro chão, de um fundamento mais firme onde já pode correr (solo que muito mais tarde, a filosofia irá chamará *arkhe*, *physis*, *natura*, *kosmos*, *mundus*, etc.); levanta lentamente os olhos para o horizonte e para os céus e encontra uma luz no firmamento, um Deus = Sol que todos os dias renasce e recria as coisas perdidas na noite; começará também paulatinamente a olhar para si, para os seus reflexos nas correntes das águas, para a sua sombra, para os sonhos nocturnos onde os mortos lhe parecem continuar vivos (v.g., na *Epopeia de Gilgamesh* ou na *Katábase de Istar ao Inferno*) e procurará por todos os meios escapar a esse temor do fugidio, da morte e do nada que representa. E eis no final deste longo processo de criação do *habitat* humano, a estabilidade do Céu = Deus eterno (como telhado protector); a estabilidade do homem = alma imortal (lar, lareira, *ethos* do humano); e a estabilidade dos elementos abaixo de si = mundo ou natureza perene (as *fundações*) e resistente a todos os abanões. Não será assim a história da cultura apenas um terror domesticado?

Seguidamente, a ação e o falar humano procurarão consolidar esta construção: nas religiões, nas filosofias, nas pedagogias, na ontologia, no direito, na história, na política, na ciência, nas instituições (como a *universidade*), e mesmo nas artes, todos os saberes e práticas procurarão a seu modo confirmar e contribuir para a solidez da dita habitação humana. Eis aí os deuses, Deus, o Ser eterno, imutável, perfeito; *o ser enquanto ser*, o ser *unum*, *bonum*, *verum et pulchrum*, o «aquilo maior do que o qual nada pode ser pensado», o *ipsum esse subsistens*, o *cogito*, o espírito, o livre arbítrio, a identidade pessoal, o conceito, a lei, o número, o imperativo categórico, o dinheiro, etc., etc., todas estas configurações axiológicas ‘conspiraram’ em conjunto para confirmar a existência de uma ‘medida’ última de todas as coisas, um *pon-*

*tum inconcussum*, inabalável e verdadeiro que tudo move sem ele mesmo se mover. Do ponto de vista de uma história comparativa das ideias, um momento alto desta imensa fábula humana que é Cultura ter-se-ia dado com os gregos, quando Pitágoras ao tanger a corda de uma lira exorcizou o *kahos* (irracional) e concluiu a unidade profunda da *physis* e do *logos* na matemática, na música e na filosofia, elevando-se aí ao regime universal da *episteme*, da *theoria* qual expressão de uma verdade ontológica perene (basta meditar no *Poema* de Parménides e, depois, nos argumentos lógicos dos eleatas contra o movimento). E não retirarão Platão e Aristóteles a lição suprema, aquele nas *Leis*, ao afirmar que «o divino é a medida de todas as coisas», e este, na *Metafísica*, quando diz que deus é a «inteligência das inteligências», o «pensamento do pensamento»?

Vejamos, pois, o que Nietzsche nos diz sobre a *história da mais longa mentira* da humanidade, a *invenção do ideal* sobre a terra, já que os criadores de cultura quase sempre procuraram dissimular e esconder a verdadeira origem, interesseira, e o ponto de vista tartufo que instaurara o padrão pelo qual tudo deve valer como tal.

## **2. Considerações Intempestivas.**

Apesar de termos delimitado o nosso intento ao juízo que Nietzsche expende sobre a Cultura e a História na *Segunda Consideração Intempestiva*<sup>3</sup> (1974) não resistimos a começar por citar um outro texto célebre, o pequeno opúsculo já referido *Acerca da Verdade e da Mentira no sentido Extramoral*, escrito no ano anterior (1873).

«Num certo canto remoto do universo cintilante vertido em incontáveis sistemas solares havia uma vez um astro onde animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e hipócrita da “história mundial”, mas foi apenas um minuto. Depois de a natureza ter respirado umas poucas vezes, o astro enregelou e os animais inteligentes tiveram de

3. Friedrich Nietzsche, *Considerações Intempestivas*, Editorial Presença / Livraria Martins Fontes, [Lisboa / São Paulo], imp. 1976 [Da Utilidade e dos Inconvenientes da História para a Vida, 1874 / Von Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben, pp. 101-205].

morrer. Assim, alguém poderia inventar uma fábula como esta e, no entanto, não ficaria suficientemente esclarecido quão lastimável, quão obscuro e fugidio, quão desprovido de finalidade e arbitrário se apresenta o intelecto humano no interior da natureza.»<sup>4</sup>

Basta trocar neste excerto os termos «conhecimento» ou «intelecto» pelos seus mais requintados produtos, a dita cultura como *aquilo que deve ser cultivado*, para compreendermos quanto a sombra de Nietzsche, se bem o compreendemos, paira hoje sobre nós. É que por detrás de cada juízo de valor que proferirmos, diz Nietzsche, i.e., por detrás do que afirmamos como *Cultura*, não há afinal nenhum critério, não há *nada*: nem Deus, nem os deuses, nem o Ser eterno, imutável e perfeito, mas apenas movimento e o interesse de uma vontade-de-poder que se afirma nesse *ludus* criador. O *tu* *deves* não passa de um *eu quero* que se ataviou e disfarçou de mil razões.

Assim, é toda a cultura, e não apenas a ocidental, que é olhada como radicalmente niilista. E se, no fragmento 125 de *A Gaia Ciência*, muitos riem às gargalhadas perante o anúncio do louco da praça que lhes grita: «*Deus morreu!*» é porque são ignorantes, alarves ou ateus inconscientes: não compreendem sequer o horror do que é agora um mundo vazio, solitário, sem valor, sem sentido, perdido entre espaços infinitos, barco perdido sem norte nem sul, nem cais onde ancorar. A partir deste momento, não mais poderá haver *Cultura* no mesmo sentido que houve até aqui, mas apenas movimento eterno, embriaguez de Dioniso, dança do bailarino Zarathustra, tempo da criança que brinca<sup>5</sup>... Entrámos num novo período histórico, radicalmente pós-cultural.

Naturalmente, não é possível justificar aqui em detalhe tudo o que afirmamos. Mas leia-se Michel Foucault ou Stuart Hall e compreender-se-á melhor o alcance das suspeitas nietzscheanas. Fiquemos, pois, por algumas linhas. Se, como dissemos acima, o ato fundador da *Cultura* como tal assenta um juízo que afirmou que *algo merece ser apreciado e cultivado*, i.e., que instaura

4. Friedrich Nietzsche, *Acerca da Verdade e da Mentira no sentido Extramoral*, In: *Obras Escolhidas...*, Vol. I, 1996, p. 215.

5. Friedrich Nietzsche, *Considerações Intempestivas...*, p. 106.

afinal o valor dos valores, o que é que levou que tal *vontade de valor* se tivesse escondido imediatamente, se tivesse dissimulado, passando a atribuir a origem do valor, não a si mesma como sua fonte, mas a uma instância ontológica exterior: a Deus, à Natureza, ao Ser mesmo, ao Absoluto, ao Bem transcendente, as Ideias platônicas, as Verdades eternas, etc.? Qual o interesse oculto nesta deslocação?

É neste ponto que Nietzsche se vira para a História da mais antiga *mentira* da humanidade, escondida desde o princípio do mundo, precisamente para a denunciar verdadeira mentira. A tese principal da *Segunda Consideração Intempestiva. Sobre a utilidade e a desvantagem da História para a Vida* é a de que demasiada História mata; nos bastidores de todas as Ciências, mas especialmente no caso da (pretensa) 'ciência' histórica, que procura reconstituir a verdade acerca do passado, o que encontramos é uma vontade-de-poder que se travestiu de seriedade para melhor dominar e domesticar o rebanho humano. A História é o repositório dos empecilhos moralistas que procuram amarrar o ímpeto da vida. E Nietzsche ilustra o que diz fazendo a psicografia do povo alemão, o qual *sabe tudo* sobre a Cultura, mas não é culto. A cultura para o alemão não passa de uma «feira de aldeia»<sup>6</sup>, cheia de velharias e formas exóticas para provocar a bisbilhotice de cordel. E esta espécie de bricabraque ou loja de curiosidades a cheirar a bafio que, para o alemão, constitui a cultura, arruinou a vida e as forças criativas da nação germana, acusa Nietzsche. «Quando o espírito de uma nação endurece a este ponto, quando a história se põe ao serviço da vida passada a ponto de minar o que pretende sobreviver e, nomeadamente, a vida superior, quando o sentido histórico, longe de alimentar a vida, a mumifica, a árvore envelhece de modo anormal, a partir do cimo na direcção das raízes e, a maior parte das vezes, a própria raiz acaba também por morrer. A história tradicionalista degenera logo que a vida presente deixa de a animar e vivificar, a piedade endurece, fica o pedantismo rotineiro, que roda egoísta e complacentemen-

6. Frederick Copleston sj, *Nietzsche...*, p. 58.

te à volta do seu próprio centro. E deparamos por vezes com o espectáculo repugnante de uma fúria cega de colecionador, empenhada em desenterrar tudo o que existiu no passado.»<sup>7</sup>

Assim, a cultura europeia, muito especialmente a alemã, arrasta atrás de si um saco de pedras a chocalhar que a puxa sempre lá para trás, para as histórias e para trás da História, para os mitos fundadores *in illo tempore*, para os deuses e para ‘Deus’. E mesmo na Modernidade, quando parecia ter-se virado para diante, para as forças da vida, acabou igualmente por ficar como a mulher de Lot, fascinada a olhar para trás, para o platonismo, para o judaísmo e para o cristianismo (esse *platonismo para o povo*) através da palavra e da acção do monge Lutero. Foi a tal espírito filisteu que se renderam Kant, esse «funcionário da filosofia» e o seu imperativo categórico, Hegel e seu Espírito Absoluto, David Strauss e o seu bafio e, finalmente, acometeu até o próprio Richard Wagner no seu *Parsifal*. No *Ecce Homo* conclui: «Até onde a Alemanha chegar, corrompe a cultura.»<sup>8</sup> Nela, «um montão enorme de conhecimentos – são pedras que chocalham dentro do seu corpo.»<sup>9</sup>, sem a unidade de um estilo, que é isso que dá vida própria a tudo aquilo em que um povo se exprime.

Alarguemos assim a pergunta: como foi possível ter-se feito da realidade de ‘Deus’, do ‘Ser’, da ‘Verdade’, do ‘Bem’ e do Imperativo Categórico algo tão indispensável? Que doença foi essa, a da religião, a da metafísica e a da moral que acometeu a vontade-de-poder levando-o a congelar a Vida em valores eternamente frios (como os da lógica), e a parar o movimento vibrátil da realidade no santo jogo das suas eternas permutas? Como foi possível Apolo ter manietado o seu irmão Dioniso ou a criança que eternamente brincava às pedrinhas? Não pode haver dúvida de que a afirmação da primazia do mundo eterno, suprassensível, das essências verdadeiras como fonte de todos os valores oculta um interesse que pretende manter-se escondido, impensado e dissimulado. É preciso desvelar tal mecanismo patológico, fisiológico que

7. Friedrich Nietzsche, *Considerações Intempestivas...*, p. 128.

8. Friedrich Nietzsche, *Ecce Homo*, p. 148.

9. Frederick Copleston sj, *Nietzsche...*, p. 59.

destilou e ressumou toda a moralina deste mundo. Ele quer permanecer disfarçado porque faz batota e envenena o mundo da vida: sabe muito bem que não há valores em si, realidades valham absolutamente; sabe que o valor é sempre e apenas colocado a partir da perspectiva interesseira de quem os afirma. Só há valores se houver uma vontade que os declare como tal; é a vontade que determina todas as avaliações. Um valor não passa, afinal, de uma manifestação de interesse vital, de um «*eu quero que valha assim*», um «*deve valer como verdadeiro*». Mas os detractores da vida não querem que se saiba e, por isso, piscam furtivamente o olho entre si.

Tempos houve em que essa vontade-de-poder aristocrata, cheia de saúde, não se escondia. Afirmava-se galhardamente num ‘sim’ pleno à vida, como fonte de valor, sem a moralizar, sem congelar o seu movimento em verdades perenes, leis e mandamentos. Valia o que era útil à conservação e manutenção da vida. Veja-se o devir, o jogo, a criação de Heraclito; vejam-se as *Purificações* de Empédocles. Mas outro tempo veio em que a vontade-de-poder sadia, pela acção verrinosa do rebotalho deste mundo, foi como que acometida de vertigens, duvidou de si e adoeceu. Isto é, amedrontou-se perante o jogo da vida, sentiu-se insegura e quis ser, permanecer, e aprendeu a fazer promessas! Desconfiou assim do seu poder de pura autoafirmação, da sua capacidade de criar os valores a partir de si. E, então, teve que duplicar todas as coisas, inventar um outro mundo que justificava esses valores: ‘Deus’, o ‘Ser’, o ‘Bem’, o ‘Belo’, a ‘Verdade’, o ‘Justo’, etc., como critérios exteriores de valoração absoluta, que moralizam o mundo a partir de fora. Mas como esse mundo não existe, a todos os valores corresponde apenas *nada*. Tal vontade que inventa valores tão contrários à sua compleição lúdica e indómita (*ludus vitae*), e que passam agora por a ser «a realidade», é assim a vontade-de-poder anémica e ressentida de todos os parasita da vida: os escravos deste mundo, os platónicos, os cristãos, os moralistas, os *vampiros da vida*, aranhaços construtores de teias que, incapazes de competir em campo aberto com a vontade forte dos Senhores e de consentir com o inocente jogo da própria Vida (que sempre diz «*Sim!*»), piscaram à socapa o olho uns para os outros e disseram hipocritamente: «*Inventámos a realidade!*» Isto é,

inventámos o «dever ser», um ponto de vista supremo com que dominamos este mundo. Eis o mecanismo da «construção do ideal sobre a terra»; eis a hipocrisia e a tartufice que presidem a todo o ato de criar valor<sup>10</sup>. A História é o *ergasterion*, a oficina onde todos os dias ruma a vontade rancorosa do tartufo. A religião, a filosofia, a ciência, a moral, o direito, etc., em que a Cultura se declina nada mais têm feito que cunhar moeda falsa, sem valia. Mas esse não é propriamente o problema, pois toda e qualquer vontade se caracteriza assim mesmo, como criadora de valores. O problema reside no facto de se pretender que tais são valores ontológicos permanentes, quando ao invés são puro movimento e nada de estável lhes corresponde. E é por isso que tal vontade se chama niilista, i.e., inventa um ponto de vista absoluto a que “Nada” corresponde, embora os seus ‘profetas’ guardem esse segredo zelosamente e não queiram que ninguém o saiba. Eis o grande logro da Cultura. Mas «encontrámos finalmente a saída para milénios inteiros de labirinto.»<sup>11</sup>

Perante este diagnóstico, que fazer? Em vez do niilismo passivo dos camelos e dos escravos qual «rabanho que pasta»<sup>12</sup>, Nietzsche propõe e anuncia no *Zaratustra* a transmutação de todos os valores: do camelo transforma-te em leão, e do leão em criança. Quase todos nós, em algum momento, somos *camelos*: carregamos sobre o nosso dorso fardos pesados impostos por outros, constituídos pelos valores que herdamos da linguagem, da cultura e da história que aprendemos. E temos garbo nisso, ao ponto de estarmos dispostos a alombar ainda com mais alguma coisa. A certa altura, contudo, o camelo vai para o deserto e, aí, transforma-se em leão. Não mais o «eu devo», mas o «eu quero» e o «eu posso». E finalmente, o leão metamorfoseia-se em criança, «eterno retorno» da Vida, puro movimento que aceita e quer o arrojo plástico, pulsátil, qual devir da eterna criança (*puer aeternus*) que brinca, esquecida de si, para além do bem e do mal, sem razão e sem porquê. Só essa criança nietzscheana que brinca às pedrinhas, ao levantar os olhos do chão,

10. Friedrich Nietzsche, *Para a Genealogia da Moral. Um escrito polémico*, Lisboa, Relógio d'Água, 2000, p. 36.

11. Friedrich Nietzsche, *Anticristo...*, p. 9.

12. Friedrich Nietzsche, *Considerações Intempestivas...*, p. 105.

tem a inocência suficiente para dizer perante o espetáculo da Cultura que «o rei vai nu». Querer e consentir com o jogo das eternas permutas; *eterno retorno de todas as coisas* e consentir, querer antecipadamente o seu destino. Numa palavra: ver a ciência, a moral, a cultura pela ótica da arte, e ver esta pela ótica da vida. Desvendado o segredo dos moralistas, a séria e pretensa Ciência da Cultura de Strauss volveu-se agora *gaya scienza*, dança e saber alegres, sempre galhofeiros. *Morte aos sérios!*

### **Observação final**

Seria ilusório pensar que por se ter consciência do processo cultural de hipostasiação do valor que acabámos de descrever, por se organizar eventos sobre Culturas (mesmo que *em movimento*) e se publicar livros ou artigos sobre assunto, por se abandonar o singular majestático da Cultura como universal vazio e de, deliberadamente, alguém se inscrever sob o signo das interpretações com a sua miríade de variações, estudos de caso, multiplicidade de enfoques e abordagens, epistemologias de geometria variável, etc., que por isso já se é nietzscheano.

Nietzsche é mestre difícil de seguir e um apologista da Alta Cultura do génio superior, do *Übermensch* aristocrata que, para se afirmar, pode deixar atrás de si um rasto de tragédia. Por isso, nada lhe é mais estranho que as ideias ‘culturais’ que invadiram a nossa época, como democratização da cultura, cultura de massas, ensino da Cultura nas Universidades, cultura como forma de participação na vida cívica e política, etc., etc., lengas-lengas que a seus olhos não passam, afinal, de outras tantas formas de dissimulação moralista. Educar nas escolas jovens para a Cultura é apenas treinar «uma enorme multidão de mancebos, no mais curto espaço de tempo possível, de forma que se tornem úteis ao Estado e venham a ser servos que o mesmo Estado há-de explorar.»<sup>13</sup> Não será mesmo verdade que Nietzsche continua a nascer postumamente?

13. Friedrich Nietzsche, *Schopenhauer como Educador*, apud Frederick Copleston, sj, *Nietzsche...*, p. 64.

Em 1870, no ensaio sobre *O Estado Grego*, Nietzsche tem uma afirmação brutal: «A escravatura é a essência da cultura.» Se esta afirmação nos choca, a nós portugueses negreiros de má consciência, ainda choca mais um Brasil *engenhoso* onde a ferida esclavagista permanece dolorosamente aberta. E naturalmente corremos rapidamente a contestar, não sem alguma razão, o diagnóstico de Nietzsche, vendo antes na Cultura uma instância de acréscimo de consciência, de liberdade e de dignificação humana. Mas se, sem querermos jamais justificar a tese, a usamos tão-só como chave de leitura de uma realidade que queremos e devemos modificar e alterar, ela não pode deixar de nos fazer pensar sobre a violência que suporta *ab initio* a Cultura, sobre a sua natureza abutrífera. Nestes dias de efeméride e de intenso frenesim em torno da Cultura, olhando para o mundo e para uma Europa cada mais a esboroar-se e a fechar-se, somos às vezes assaltados por uma sensação de estranheza, como se algo estivesse errado em toda esta excitação. Não encontramos melhor expressão plástica para este sentimento que uma breve encenação de *A Ideia de Europa* de G. Steiner, essoutro grande pensador da Cultura. Fino e arguto observador do pormenor, das placas identificadoras nas Ruas, Avenidas e *boulevards* das capitais europeias onde estão gravados os nomes dos grandes vultos do passado (*lieux de la memoire*), não lhe escapa esta imagem com que todos nós, pais de filhos em idade escolar, todos os dias nos deparamos. «Na Europa, até uma criança se dobra sob o peso do passado, como tão frequentemente se dobra sob o peso das mochilas escolares demasiados cheias. Quantas vezes, avançando eu penosamente pela Rua Descartes, atravessando a Ponte Vecchio ou passando pela casa de Rembrandt, em Amsterdão, não me senti avassalado, mesmo num sentido físico, pela questão: “De que serve? Que pode cada um de nós acrescentar à imensidade do passado europeu?”»<sup>14</sup>

Já várias vezes pudemos testemunhar o apreço similar de alguns amigos estrangeiros, especialmente brasileiros, quando nos visitam. Olham e admiram o modo como cuidamos dos nossos monumentos e como preservamos a nossa História. Olhamos as placas e a lista dos mortos inscritos nos már-

14. Georges Steiner, *A Ideia de Europa*, Lisboa, Gradiva, 2005, p. 35.

mores e nos livros cresce e é já mais extensa que a dos vivos. O peso da nossa História mata-nos ou faz-nos viver? A partir de onde é que dizemos aquilo que dissermos? No afamado poema de Manuel Bandeira, Portugal era o «avozinho»; na *Mensagem* de Pessoa, volveu-se rosto esfíngico com que a Europa, deitada e a cabeça entre as mãos, olha para o Outro, o mar, e sonha para lá do mar. Seremos algum dia capazes, sem enlouquecer, de despejar até ao fundo as nossas mochilas?